

## RECIPROCIDADE, PARTILHA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS COMPARTILHADOS EM TERRA KAINGANG DE PALMAS (PR)

### RECIPROCITY, SHARING AND PRODUCTION OF SHARED KNOWLEDGE ON KAINGANG LAND IN PALMAS, PARANÁ, BRAZIL



<https://doi.org/10.22228/rtf.v16i2.1270>

#### Magda Vicini

 IFPR - Instituto Federal Campus Palmas

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2483-458X>

 E-mail: [magda.vicini@ifpr.edu.br](mailto:magda.vicini@ifpr.edu.br)

#### Robert Crépeau

 Universidade de Montreal

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3982-9380>

 E-mail: [robert.crepeau@umontreal.ca](mailto:robert.crepeau@umontreal.ca)

#### Sergio Bairon

 Universidade de São Paulo

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2640-6204>

 E-mail: [sbairon@gmail.com](mailto:sbairon@gmail.com)

#### Claudécir Viri

 Escola Kaingang Segsô Tánh Sá - Palmas (PR)

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6705-9985>

 E-mail: [claudécir.viri@escola.parana.gov.br](mailto:claudécir.viri@escola.parana.gov.br)

**Resumo:** Neste artigo, propomos reflexões sobre os conceitos de reciprocidade e a metodologia da produção partilhada do conhecimento, relacionando-os com a prática da arte mural e da convivência com a comunidade Kaingang na Terra Indígena Kaingang de Palmas (PR) na Escola Segsô Tánh Sá, durante o período de 2018 a 2022. Indicamos que a produção partilhada do conhecimento pode revelar e aproximar-se da prática e da subjetividade que envolve a reciprocidade Kaingang.

**Palavras-chaves:** Palavras-chave: Kaingang, reciprocidade, produção partilhada do conhecimento.

**Abstract:** In this article, we propose reflections on the concepts of reciprocity and the methodology of shared production of knowledge, relating them to the practice of mural art and living together with the Kaingang community in the Kaingang Indigenous Land of Palmas (PR) at the Segsô Tánh Sá School, during the period from 2018 to 2022. We indicate that the shared production of knowledge can reveal and approach the practice and subjectivity that involves Kaingang reciprocity.

**Keywords:** Kaingang, reciprocity, shared production of knowledge

Discutimos, neste texto, as reflexões que surgiram a partir dos encontros da pesquisadora Magda Vicini com os Kaingang, que ocorreram semanalmente na Escola

Segsõ Tánh Sá desde o ano de 2018 até o ano de 2022<sup>1</sup>. O objetivo da pesquisa de Vicini era, juntamente com os estudantes, desenvolver pinturas sobre a cultura Kaingang, criadas por eles mesmos, na forma de mural artístico. Como proposta partilhada de conhecimentos, as questões iniciais para os trabalhos em conjunto se estabeleceram sobre a maneira pela qual, juntamente com os indígenas, eles constituiriam uma relação de partilha e confiança entre seres com diferentes formas de vivência e cultura. Assim, a pesquisadora percebeu estar falando de reciprocidade, trocas culturais, afetivas, sociológicas e etnológicas de vivências, falas, pensamentos e ações<sup>2</sup>. Apresentamos neste artigo a fala dos próprios indígenas, não mais permitindo que somente os pesquisadores “representem” os Kaingang, mas sim, eles mesmos falem de suas percepções sobre a pesquisa. Com esse propósito, relacionamos essas proposições com a percepção de Mauss (1872-1950) sobre o “fato social total”:

Nesses fenômenos sociais "totais", como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam.<sup>3</sup>

Na percepção de Lévi-Strauss, Mauss define a importância de que sejam diferenciados os contextos sociais, físicos e psicológicos do indivíduo, além do convívio em grupo, implicando em uma observação do todo na experiência de convívio com uma etnia, ou seja, o fato social total, em que “o observador é ele próprio uma parte da observação”<sup>4</sup>.

## **Introdução à compreensão de Reciprocidade**

Seguindo essa linha de pensamento, Lévi-Strauss acredita, em interlocução com Mauss, que na pesquisa das ciências sociais a noção de “sujeito e objeto” se alternam, pois há aspectos da subjetividade nos quais o pesquisador se vê na vivência indígena, como objeto e sujeito, em alternância. Aspecto importante no conceito de produção partilhada, cuja relação não mais se estabelece entre sujeito e objeto de pesquisa, mas, sim, entre

---

<sup>1</sup> Segundo a autora do projeto, encontros ocorridos antes da pandemia do Covid-19. 2018 a 2022. VICINI, Magda. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*. COPE – Coordenação de pesquisa e extensão do Campus IFPR Palmas, Paraná.

<sup>2</sup> Joseph Beuys (1921-1986): “Como pensamos, falamos e construímos o mundo no qual vivemos” (Beuys in Kuoni, 1993). Apud VICINI, Magda. *Dimensões Comunicacionais no conceito de escultura social de Joseph. Beuys: um processo de tradução criativa*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2011.

<sup>3</sup> MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 25-26.

<sup>4</sup> *Idem*, p.25-26.

“sujeitos de pesquisa”<sup>5</sup>. Assim, a forma pela qual agimos metodologicamente em uma pesquisa na qual há o estabelecimento de inter-relações humanas, de etnias diferentes, é necessário considerar o aspecto de inter-relação das subjetividades que, na percepção de Lévi-Strauss, seria o processo de comunicação: “é a maneira pela qual a interação poderá trazer os resultados possíveis, aspecto inovador em Mauss, ligados ao inconsciente e consciente que fazem mediação entre os envolvidos – o eu e o outrem”.<sup>6</sup>

Nesta visão reflexiva e de reflexividade<sup>7</sup>, bem como de cuidado e apreensão sobre a relação de construção de vivências entre o pesquisador e os envolvidos no processo de pesquisa, apresentamos, inicialmente, o caminho que foi construído pela professora Aivone Carvalho<sup>8</sup> e que se fundamentou na metodologia de produção partilhada de conhecimento. Carvalho realizou sua pesquisa no Museu Dom Bosco, no ano de 1999, situado na cidade de Campo Grande (MS), sobre peças indígenas da etnia Bororo<sup>9</sup>, encontradas também em museus na Itália. No “Museo Missionario Don Bosco” em Asti e “Museo Nazionale Preistorico ed Etnologico ‘Luigi Pigorini’”, de Roma, Carvalho percebeu que, nos museus italianos, os objetos estavam descontextualizados, sem uma identificação genuína de suas existências *Boe* (Bororos). Retornando posteriormente à Aldeia Boe (Bororo) em Meruri (MT), junto da comunidade da Escola Indígena, Carvalho e os estudantes iniciaram a identificação dos objetos que a pesquisadora havia recolhido em fotografias na Itália, e, com a colaboração dos anciãos, os estudantes traziam as

---

<sup>5</sup> BAIRON, Sergio; LAZANEO, Caio. *Produção partilhada do conhecimento: do filme à hipermídia*. Artigo publicado nos Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1354-1.pdf>. Acesso em: 2019.

<sup>6</sup> MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. 2003, p.28-29.

<sup>7</sup> Reflexividade: Para a Produção Partilhada do Conhecimento, segundo Lazaneo, “trata-se da reflexão coletiva sobre o conhecimento produzido entre os sujeitos de pesquisa – pesquisador e pesquisado. No caso de suas pesquisas, reflexividade é o momento de partilha, reflexões e reações a partir das imagens captadas pelos próprios indígenas sobre sua vida e cultura”. LAZANEO, Caio de Salvi. *Produção partilhada do conhecimento: uma experiência com as comunidades indígenas Xavante e Karajás*. Dissertação de Mestrado – Diversitas – USP, 2012. A reflexividade tem sido um conceito abordado em muitas áreas das ciências, como nas ciências sociais e humanas. Para o professor de sociologia Scott Lash, relacionando as reflexividades antropológica e social (cognitiva e estética) [...] pressupõe-se a existência de um sujeito – fora de um mundo – para quem o mundo é (conceitual ou mimeticamente) situado. [...] Isso significa aprender por meio do *habitus*, de raízes similares ao *habiter*, em que a verdade não é conceitual nem mimética, mas se torna evidente através de práticas compartilhadas. [...] Implica que entendamos reflexivamente que nossos “conceitos” são apenas outro conjunto de esquemas privilegiados (por um acidente do Ocidente). LASH, Scott. *A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade*. In GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Tradução Magda Lopes. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.p.240.

<sup>8</sup> CARVALHO, Aivone; KADOJIBA, Paulinho Ecerae; RIBEIRO, José da Silva. *Narrativa dialógica de um cinegrafista indígena*. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v. 02, n. 04, p. 101-120, jan./abr. 2017.p.107

<sup>9</sup> Bororo -Os Bororos são uma tribo indígena do estado do Mato Grosso. Há registros da presença desta população, inicialmente contabilizada em 10 mil indivíduos, ocupando uma extensa região que incluía, além das margens do Rio Xingu, a Bolívia e a região centro sul de Goiás. Atualmente, restam apenas cerca de 2000 representantes deste povo, os quais detêm seis terras indígenas demarcadas em Mato Grosso. Museu Virtual da Universidade de Brasília. Disponível em: <http://bororo.museuvirtual.unb.br/index.php/pt/os-bororo>. Acesso em: 17/11/2021.

informações sobre as peças das fotografias para Carvalho. Segundo Carvalho, foram criadas oficinas para a reconstrução destes objetos, que aconteciam “[...] em um clima de alegria e contentamento... [...]”. A cada objeto refeito, muitas histórias brotavam e iam ressignificando o patrimônio tangível e intangível da cultura Bororo”.<sup>10</sup> Nessas conversas, um grupo de estudantes começou a questionar sobre o fato dos estudos realizados com os Boe (Bororo) estar nas teorias antropológicas e bibliotecas das Universidades, sem o retorno desses documentos para o “enriquecimento intelectual deles próprios”.<sup>11</sup>

Essa percepção da autora também está presente nas reflexões de todos os participantes na comunidade Kaingang de Palmas: as pesquisas sobre os Kaingang estão nas universidades, livros, congressos, ou seja, no mundo científico. Ao falarmos sobre reciprocidade, de dádiva, e ao citarmos Marcel Mauss, que ainda no início do século XX apresentou para a Academia e publicou a importante relação da reciprocidade para grupos étnicos, questionamos: como a Academia realiza trocas e dádivas com as etnias pesquisadas? Sabedores da importância espiritual, moral e material sobre o também denominado “dom”, como as universidades retribuem aos sujeitos (objetos) participantes de pesquisas como as etnias indígenas? Para os indígenas, a escrita não tem o mesmo sentido do conhecimento ou da dádiva que eles ofereceram à Academia.

O resultado desse trabalho compartilhado entre Carvalho e os (Boe) Bororo na Aldeia Meruri promoveu a criação do Museu Comunitário Bororo,<sup>12</sup> inaugurado em julho de 2001, formado por diversas salas e um arquivo, sendo organizado com materiais de pesquisas realizadas junto dos Boe (Bororo)<sup>13</sup> que foram encontradas nas universidades<sup>14</sup>.

Percebemos assim a importância de se estabelecer uma relação de aproximação entre pesquisadores e a comunidade étnica sobre a qual será desenvolvido o trabalho, como “retorno material, moral e dadivoso” para aqueles que “compartilharam” sua cultura e suas formas de vida com a Academia. Esse compartilhamento, transforma tanto o sujeito pesquisado como o sujeito pesquisador. Por um lado, transforma o indígena, pelo fato de se perceber protagonista em sua própria cultura ao ensinar o pesquisador a ver e conhecer os sentidos de sua cultura indígena, ou seja, o olhar do indígena não precisa do filtro do pesquisador, mas de sua interlocução. Por outro lado, o pesquisador, por intermédio de

---

<sup>10</sup> CARVALHO, Aivone; KADOJEBÁ, Paulinho Eceráe; RIBEIRO, José da Silva. *Narrativa dialógica de um cinegrafista indígena*. p.107.

<sup>11</sup> *Idem*. P. 105.

<sup>12</sup> Segundo Carvalho (2017), o Museu tornou-se um Centro de Pesquisa e Valorização da Cultura Bororo, hoje denominado Museu Comunitário Bororo e Centro de Cultura Pe. Rodolfo Lunkenbein.

<sup>13</sup> Em 2021, três desses jovens Bororo, que fizeram parte do projeto do Museu na Comunidade da pesquisadora Carvalho, defendem suas dissertações de Mestrado no Núcleo *Diversitas* da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: Lauro Epariko Ekureu, Cezar Amin Rondon e Américo José Córdula Teixeira.

<sup>14</sup> CARVALHO, Aivone; KADOJEBÁ, Paulinho Eceráe; RIBEIRO, José da Silva. *Narrativa dialógica de um cinegrafista indígena*. *Op.cit.* p.03.p.105.

ferramentas do conhecimento científico, mostra as possibilidades de sistematização e apropriação do conhecimento tradicional a partir da ação e da parceria do próprio indígena.

A esse respeito, convém lembrar também da importância da razão cosmopolita apontada por Boaventura de Sousa Santos<sup>15</sup> em detrimento do que ele denomina razão indulgente, ou seja, “a tarefa diante de nós não é tanto a de identificar novas totalidades, ou de adoptar outros sentidos para a transformação social, como de propor novas formas de pensar essas totalidades e de conceber esses sentidos”. Pautado na sociologia das ausências e na sociologia das emergências, Santos<sup>16</sup> acredita na necessidade de se estabelecerem traduções entre experiências no mundo, realizadas por agentes ou intelectuais cosmopolitas a partir de zonas de contato, ou seja, pontos em comum entre essas experiências, utilizando a compreensão da hermenêutica diatópica, [...] “ampliando ao máximo a consciência de incompletude mútua [...] com um pé numa cultura e o outro, noutra”<sup>17</sup>.

Para que Vicini<sup>18</sup> pudesse desenvolver o projeto na TI Kaingang, foram realizadas reuniões com a interlocução do professor Claudécir Viri, como responsável pela interligação entre a pesquisadora, a comunidade e a Escola (Figura 1), que ocorreram durante onze meses, entre o ano de 2018 e o ano de 2019.

---

<sup>15</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. 2002. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 63, outubro, 237-280, 2002.

<sup>16</sup> *Idem*. P. 273.

<sup>17</sup> SANTOS, B.S. (Org.). *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006, p.448.

<sup>18</sup> VICINI, Magda. 2018 a 2022. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*. COPE – Coordenação de pesquisa e extensão do Campus IFPR Palmas, Paraná.



Figura 1- Reunião realizada em 11/08/2018 – Comunidade Kaingang – Magda Vicini com os professores: Cleverson Viri, Sadi Korin, Claudécir, Viri Renata Korin, Josieli Borges, Renata Korin, e Marilze Garipri Mendes Palhano - Reunião sobre o “Projeto Saberes Indígenas”<sup>19</sup> - Fonte: Arquivo próprio.

Para o pesquisador Lazaneo<sup>20</sup>, na aproximação com uma comunidade étnica é importante o acontecimento do “acolhimento”, assim a pesquisadora buscou junto da comunidade a necessidade de amadurecer as conversas e criar uma relação de confiança, também para com a Liderança Kaingang que é formada por mulheres e homens anciãos, rezadores e curandeiros.<sup>21</sup> Vicini comenta que o professor Claudécir Viri ressalta, juntamente com o Cacique Joáilson Mendes, a importância de haver confiança entre os participantes do projeto, para o bom andamento da pesquisa. Segundo o professor Viri, a Liderança achou positiva a realização do trabalho, juntamente com o apoio recebido dos professores da Escola, porque acreditaram na Produção Partilhada do Conhecimento, como uma produção conjunta, que resulta de um constante diálogo ao longo do tempo de permanência de Vicini<sup>22</sup> com eles.

A produção de conhecimento indígena tem suas especificidades que se diferenciam daquilo que frequentemente nós pesquisadores, traduzidos pelas leituras e vivências acadêmicas, nos distanciam do “ser” indígena, como destaca Lévi-Strauss<sup>23</sup> e de seus conhecimentos orais ou “memoriais”, como nos falou o professor Viri. Durante as primeiras conversas de Vicini<sup>24</sup> com os professores da Escola a fala em tom baixo e

<sup>19</sup> Projeto da professora Maria Christine Berdusco Menezes da UEM – Universidade de Maringá (PR).

<sup>20</sup> LAZANEO, Caio. *Produção partilhada e reticularidade fílmica*. Tese de Doutorado – Diversitas – USP, 2017, p.133.

<sup>21</sup> Segundo o pesquisador Fernandes (1998, p.85 e 136), a Liderança é “uma espécie de conselho indígena. Estas instituições nativas se consolidaram à margem do processo de institucionalização da política indigenista brasileira”. Esta Liderança era formada pelo cacique, o vice Cacique e os polícias. Segundo Prof. Claudécir, atualmente, esta liderança é composta por rezadores, professores, anciãos e o cuiã da Aldeia.

<sup>22</sup> VICINI, Magda. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*. 2018.

<sup>23</sup> MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. 2003. *Op.Cit.* p. 02.

<sup>24</sup> VICINI, Magda. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*. *Op.Cit.*p.5.

pausado de Claudécir promovia uma reflexão profunda entre todos os que estavam presentes.

[...] nós somos muito ricos em documentos memoriais. Não nos deram oportunidade para que esses... fosse escrita a nossa história, desde o início do descobrimento do Brasil. Por exemplo, só foi escrita a história da sociedade que existe hoje. A nossa ficou só na memória dos nossos antepassados. Hoje a luta dos professores indígenas é colocar isso no papel [...] como fonte de pesquisa para os demais indígenas e demais povos. Porque amanhã ou depois, nós indígenas que vamos administrar nossos setores. [...] para os demais que estão vindo. Para que eles, no momento em que chegar no ponto de hoje, para que eles não venham bater na mesma tecla que estamos batendo hoje. [...] hoje nós temos muito cuidado, mas nós temos que não desistir da luta, não desistir. [...] Quando o pessoal vinha fazer as pesquisas aqui na comunidade, no passado, [...] não tinha o retorno para a comunidade. E os nossos mais velhos ficaram com isso marcado. Eles diziam: “eles só vêm aqui, coletam as informações, e não tem um retorno para a comunidade. Então, nós temos que parar com isso”.<sup>25</sup>

Percebemos nessa fala uma das razões que nos faz refletir a respeito da maneira pela qual essas vivências e conhecimentos deveriam acontecer, para que esta pesquisa possa oferecer um retorno, ações de reciprocidade ou de trocas com resultados para ambos: sujeito pesquisador e sujeitos pesquisados numa relação heterárquica. É relevante constatar o desejo da liderança indígena de que o conhecimento e prática da cultura estejam disponíveis para os indígenas, preocupando-se com a própria gestão desses conhecimentos. De modo semelhante, nos encontros semanais com os estudantes, Vicini aponta a satisfação dos mesmos, ao falar, desenhar e pintar sobre sua própria cultura e seu cotidiano. Porém, é preciso considerar que os desejos dos estudantes não se limitam à Aldeia, pois sentem a necessidade de serem jovens conectados ao mundo fora da Aldeia. Na percepção de Vicini, os jovens não demonstram ter muito conhecimento de sua cultura do passado, mas por outro lado, eles possuem clareza dos aspectos dessa cultura histórica em seu dia a dia e em seus comportamentos.

O contato desta pesquisadora com os professores da Escola foi muito importante para o conhecimento de algumas especificidades dos estudantes Kaingang. Uma destas especificidades é a percepção de tempo, pois os estudantes chegam em diferentes horários, cada um em seu tempo, ou seja, seu modo de ser é muito diferente dos alunos da cidade. Mesmo com mais de 500 anos de massacre cultural, econômico e político ocidental, ainda lutam para preservarem um naco de sua identidade. Não conseguiram descaracterizar ou tirar deles a identidade e a cultura que eles possuem em seus comportamentos e relações diárias, o que nos faz perceber a força que as etnias indígenas brasileiras possuem mantendo esses costumes. Vicini observa que, no convívio com os Kaingang procura se

<sup>25</sup> *Idem.* Professor e Vice cacique Claudécir Viri, junho, 2018.

dialogar com as formas de vida do “ser” Kaingang, mas sem perder sua própria condição de existência, deixando ser tocada por variações subjetivas de reciprocidade.

### **Reciprocidade como aproximação ou apropriação**

Os Kaingang foram conhecidos como “guerreiros” pela literatura especializada em história, antropologia e etnologia, como revela o pesquisador Fassheber,<sup>26</sup> pelo fato de terem a tradição de “guerrear entre si pelas mais variadas formas de rivalidade sendo que esta característica foi oportunamente utilizada pelos colonizadores, revelando-se em uma estratégia eficaz para a proteção dos últimos”, mas também guerreiros na defesa de suas terras, como aponta o pesquisador Mota<sup>27</sup>. Ainda, segundo Fassheber<sup>28</sup>, os Kaingang da região de Guarapuava, que haviam sido “pacificados” na primeira década do século XIX, alertavam os “colonizadores brancos”, sobre o perigo que seria aproximar-se dos “Kaingang da região do *Crie-ban-grê* (Palmas)”, mas, aos poucos, foram abrindo-se ao contato dos brancos, “sem que os confrontos cessassem”, com mortes entre brancos e indígenas. Pretende-se neste parágrafo apenas situar a forte resistência Kaingang, precisamente dos Kaingang que permanecem em Palmas.

No século XX, as tentativas de aproximação com os indígenas do Brasil, como investidas socializantes, trouxeram o que gostaríamos de denominar como “trauma da diferença”<sup>29</sup>.

O etnólogo Herbert Baldus<sup>30</sup> ao dissertar sobre as aculturações dirigidas, programas de pacificação entre os indígenas do antigo Serviço de Proteção ao Índio – SPI – na época de Rondon, cita o conceito de “reciprocidade” compreendendo que era uma forma de acostumar os indígenas à vida econômica dos brancos, com retribuição em trabalho ou em algo material como troca. Baldus apresenta a mais conhecida forma dos brancos acercarem-se aos indígenas oferecendo presentes e, ressalta em seu livro, que tanto o governo como as missões religiosas, adotavam o mesmo tipo de postura, com a intenção de

---

<sup>26</sup> FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. *Saúde e Políticas de Saúde entre os Kaingang de Palmas (PR)*. Tese de Doutorado. UFSC, 1998. P.32.

<sup>27</sup> MOTA, Lúcio Tadeu. *As Guerras dos Índios Kaingang. História Épica dos Índios Kaingang no Paraná (1769-1924)*. Editora da Universidade Estadual de Maringá – Maringá –PR, 1994.

<sup>28</sup> FASSHEBER, 1998, p.32.

<sup>29</sup> Para conhecer o genocídio ocorrido no cenário indígena brasileiro, ler o artigo intitulado *Genocídio no Brasil* (1969), de Norman Lewis (1908-2003), jornalista e autor britânico, cujo artigo levou à criação da *Survival International* – uma organização dedicada à proteção dos povos indígenas em todo o mundo (Revista Piauí, janeiro de 2019, p.41 -52).

<sup>30</sup> Herbert Baldus (1899-1971), Antropólogo, Etnólogo, professor, pesquisador, que morou no Brasil do ano de 1933 a 1971, ano de sua morte. (SAMPAIO-SILVA, 1992). BALDUS, Herbert. *Métodos e resultados da ação indigenista no Brasil*. Revista de Antropologia, v. 10, n. 1-2, p. 27-42, 1962, p.33. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:baldus-1962>. Acesso em março/2018, p. 33. O Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, conhecido como Marechal Rondon (1865 –1958), foi um engenheiro militar e sertanista brasileiro. Foi o primeiro diretor do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e estimulou a criação do Parque Nacional do Xingu.

torná-los colonos, tendo-os como ajuda braçal e não incentivando a conservação da cultura indígena. Percebemos que o pesquisador relaciona a “reciprocidade” como característica da vida econômica dos brancos e, assim, os indígenas também deveriam contribuir com “trocas” à sociedade branca. Salientamos que a retribuição a ser dada pelos indígenas seria deixar suas terras para os brancos, subentendido nos presentes recebidos destes. Reciprocidade que se poderia entender numa lógica capitalista, tendo mais ganhos ou dívidas aos colonizadores, o que não poderia ser considerado “reciprocidade” ameríndia.

### **A reciprocidade e os Kaingang**

Refletindo a partir dessas primeiras formas de aproximação entre os brancos brasileiros e os indígenas do Brasil, iniciamos os questionamentos em relação ao “Ensaio sobre a Dádiva”, de Marcel Mauss, no qual o antropólogo faz um relato sobre a etnia Maori (Polinésia), cujas atuações sociais, morais, políticas, espirituais e econômicas apresentam, de distintas maneiras, em diversas situações de convívio. Apresentamos as análises de dois pesquisadores que utilizam em seus textos essa perspectiva da obra de Mauss, para fundamentar essa visão sobre a possível relação entre o conceito de dádiva e reciprocidade, na maneira pela qual a metodologia da produção partilhada está sendo utilizada entre os sujeitos desta pesquisa: pesquisadora e comunidade Kaingang.

Para o professor de sociologia e pesquisador da Universidade Federal de Pernambuco – UFP –, Paulo Henrique Martins, Mauss contribuiu para a sociologia por “demonstrar que o valor das coisas não pode ser superior ao valor da relação e que o simbolismo é fundamental para a vida social”. Explica ainda que “Mauss entendeu que a lógica mercantil moderna não substitui as antigas formas de constituição dos vínculos e alianças entre os seres humanos e constatou que tais formas continuam presentes nas sociedades modernas”<sup>31</sup>. Ou seja, o fato social total que Mauss define como fundamento da dádiva ou da reciprocidade, segundo Martins (2006), significa:

[...] totalidade no sentido de que a sociedade inclui todos os fenômenos humanos de natureza econômica, cultural, política, religiosa, entre outros, sem haver nenhuma hierarquia prévia que justifique uma economia natural que precederia os demais fenômenos sociais. Totalidade, também, no sentido de que a natureza desses bens produzidos pelos membros das comunidades não é apenas material, mas também e sobretudo simbólica.<sup>32</sup>

Segundo Martins, Mauss cria uma crítica anti-utilitarista, não defensiva, como obrigação moral coletiva de uma sociedade, “envolvendo o conjunto de membros da

---

<sup>31</sup> MARTINS, Paulo Henrique. Revista Crítica de Ciências Sociais, 73 | 2005. *A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo*. Edição electrónica URL: <http://journals.openedition.org/rccs/954>. Editora Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra Edição impressa. Data de publicação: 1 de dezembro, 2005. Paginação: 45-66. ISSN: 0254-1106. Acesso: março, 2019, p.46.

<sup>32</sup> *Idem*. p. 46.

sociedade, obrigação que pressupõe aspectos tão diversos como a troca de mercadorias, de um lado, ou um mero sorriso, de outro”. Outro aspecto importante na percepção de Martins, que acreditamos estar intrinsecamente relacionado à pesquisa científica como produção partilhada, é a percepção do individual, da liberdade, da diferença quando se estabelecem relações dentro de um grupo ou sociedade, é sua interpretação de que Mauss, influenciado por Durkheim,

[...] faz questão de adentrar o universo da experiência direta dos membros da sociedade, o que lhe permite introduzir um elemento de incerteza estrutural na regra tripartida do dar-receber-retribuir, escapando da hiper-presença de uma obrigação coletiva que deveria se impor tiranicamente sobre a liberdade individual. <sup>33</sup>

Ao mesmo tempo em que há obrigações desta tripartida social e moral, a partir da convivência e das práticas sociais, “os membros da coletividade têm uma certa liberdade para entrar ou sair do sistema de obrigações – mesmo que isto possa significar a passagem da paz para a guerra”<sup>34</sup>.

Esse argumento e posicionamento de Martins poderiam ser relacionados com a maneira pela qual Victor Turner compreende a forma de vida dos indígenas em sociedade a partir do conceito de “*communitas* como um princípio ontológico, uma espécie de lei e fonte de toda ordenação: “O individualismo extremo apenas compreende parte do homem. O coletivismo extremo apenas compreende o homem como parte. *Communitas* é a lei implícita da completude (*wholeness*) advinda de relações entre totalidades”<sup>35</sup>. Por mais que se compreenda a ‘*communitas*’ como uma espécie de revolução ou transformação em uma sociedade, segundo Turner, com o tempo, ela se torna algo mais hierarquizado, e assim sucessivamente. Nesse sentido, para Vicini, a sociedade indígena, visualizada a partir do convívio semanal na aldeia Kaingang, pareceu-lhe orgânica, sempre em movimento e em mutação. Quando há necessidade de decisão específica, há a hierarquia, o coletivo; quando se estabelece o cuidado humano ou de poder, é mais aberta, dependendo da situação a ser resolvida, individualizada. Mas não há uma regra permanente. <sup>36</sup>

Por outra perspectiva, o professor de antropologia da Universidade de Montreal (Canadá), Robert Crépeau, que, desde o ano de 1993 até os dias atuais, pesquisa com os Kaingang da Terra Indígena Xapecó, no município de Ipuacú (SC), propõe, em seu artigo

<sup>33</sup> MARTINS, Paulo Henrique. Revista Crítica de Ciências Sociais, 73. 2005. *A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo*, 2005, p.49.

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974, p.425.

<sup>36</sup> VICINI, Magda. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*. Op.cit.p.5.

“Os Kamé vão sempre primeiro<sup>37</sup> – Dualismo social e reciprocidade entre os Kaingang”<sup>38</sup>, que as práticas de reciprocidade entre os Kaingang não podem ser interpretadas unicamente “a partir dos conceitos antropológicos de dom, troca, sociedade dialética e processo de (re)produção social<sup>39</sup>”.

Crépeau<sup>40</sup> argumenta que a sociedade Kaingang, como apresenta Maybury-Lewis,<sup>41</sup> preocupa-se com a busca do equilíbrio e harmonia em sua estrutura social, na organização dual, “embora para eles a organização dual esteja também relacionada ao poder, o que implica conflitos, competição e hierarquia”. Segundo Crépeau, “de acordo com meus informantes Kaingang, Lévi-Strauss não está certo quando escreve que a organização dual é frequentemente ilusória. Eles também sabem que sua relação cotidiana se passa numa sociedade plural, com faccionalismo, com divisões sociais e com desunião”<sup>42</sup>. Assim, as formas de reciprocidade ou de relações entre os Kaingang ocorreriam de modo complementar considerando a posição recíproca dos Kamé e dos Kairu no grupo indígena.

As metades kamé e kairu são os elementos da sociedade Kaingang que justificam tanto sua totalidade ideológica quanto sua multiplicidade (poliadismo) de vozes e realizações concretas. O dualismo aparece assim como um intermediário lógico essencial para postular e pensar a singularidade e a multiplicidade (ou o poliadismo). O dualismo constitui a forma de pensar simultaneamente (e ritmicamente encenado nas danças do Kiki) e sem contradição a unidade social e as suas divisões. É uma concepção holística que contrasta com o atomismo dos antropólogos que baseiam sua epistemologia na teoria da representação. Lévi-Strauss estava, portanto, certo ao escrever que as organizações dualistas “permanecem irreduzíveis ao dualismo”, mas estava errado ao considerar tal “representação” como fútil.<sup>43</sup>

Crépeau finaliza sua afirmação, assinalando que, “do ponto de vista do ritual ou da prática, no modelo dualista da organização da sociedade Kaingang, observa que a complementariedade entre as metades Kamé e Kairu permite pensar (e representar

---

<sup>37</sup> Segundo a pesquisa de Crépeau, “A organização dual kaingang consiste de metades chamadas kamé e kairu, que são concebidas como assimétricas e complementares. O kamé é primeiro e associado ao mais forte, masculino, sol, leste, poder político e xamanismo, enquanto o kairu é concebido como segundo, mais fraco, feminino, associado à lua, ao oeste e à organização do rito de segundo funeral. Cada metade possui uma seção ou submetade: votôro é associado com kairu enquanto veineky é associado com kamé. CRÉPEAU, Robert R. “Os kamé vão sempre primeiro” dualismo social e reciprocidade entre os Kaingang. Anuário Antropológico/2005. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006, p. 9-33, p. 12.

<sup>38</sup> *Idem*, p.10.

<sup>39</sup> MAUSS 1990; STRAUSS 1950 e 1958; MAYBURY-LEWIS 1979 e 1989; DAMATA 1982; TURNER 1979; 1984 e 1996; WEINER 1992 in CRÉPEAU, 2006, p.12.

<sup>40</sup> *Idem*, p.13-14.

<sup>41</sup> David Henry Peter Maybury-Lewis (1929-2007) foi um antropólogo e etnólogo britânico, especializado na etnologia dos povos do Brasil Central.

<sup>42</sup> *Ibidem*, Crépeau, 2006, p.13-14.

<sup>43</sup> Este esclarecimento de Crépeau foi realizado a partir de e-mails trocados com os autores deste artigo em 17 de fevereiro de 2021.

ritualmente) a sociedade como uma apenas”.<sup>44</sup> Crépeau exemplifica seu posicionamento lembrando a fala do Prof. Claudécir Viri (que apresentaremos neste artigo nas páginas seguintes): “É o que o Prof. Claudécir explicita muito bem quando fala que ‘Há as divisões entre as metades, mas nós somos um povo só, de uma etnia chamada Kaingang’”.<sup>45</sup>

Mais precisamente, de acordo com os Kaingang, troca e reciprocidade não são nem dados inconscientes (Lévi-Strauss) nem função da organização dual (Maybury-Lewis), mas algo instituído no passado pela ação dos heróis culturais ancestrais: a) que roubaram elementos básicos da vida dos Kaingang, tais como fogo, água ou mel de seus proprietários primordiais egoístas; b) que generosamente deram à humanidade, por exemplo, o milho, através do Nhar (ou “Milho”) após sua morte; c) que criaram as metades e as seções, associadas após a destruição dos primeiros humanos pela inundação ou dilúvio.<sup>46</sup>

A partir do ritual Kaingang do *Kiki* (ritual dos mortos), Crépeau o analisa como “prestações totais” entre as metades. Ritual que ele documentou entre os Kaingang de Xapécó (Santa Catarina) e de Palmas (Aldeia no Paraná, na qual Vicini está pesquisando). Segundo Crépeau<sup>47</sup>, durante todo o ritual, há momentos em que se estabelece a atuação de ambas as metades, como, por exemplo, o ritual somente acontece quando as duas metades criarem a demanda de realização do ritual dos mortos, visto “que o aspecto fundamental desse ritual é a complementaridade obrigatória das metades para que sua realização seja um sucesso” como reciprocidade “de serviços entre as metades, que foram estabelecidas após o dilúvio pelos ancestrais primordiais *kamé*”. Crépeau descreve, ainda, que, no momento do ritual em que os *Kairu* cuidam dos mortos *Kamé*, e os *Kamé*, cuidam dos mortos *Kairu*, há esta prestação total entre as metades. Porém, em outros momentos, aparece a primazia dos *Kamé*, como, por exemplo, os rezadores *Kamé* primeiramente percorrem os seus respectivos fogos, seguidos pelos rezadores *Kairu*; “os *Kamé* são os primeiros a entrar no cemitério e procedem, sistematicamente, nos túmulos dos falecidos *Kairu*” O pesquisador vê, no final do ritual, uma unidade das metades, “em vez de dual ou plural”.<sup>48</sup> Assim, Crépeau assinala que a estrutura normativa no modelo Kaingang “não é um princípio implícito tal como a troca, a reciprocidade ou ‘o dom’ [...]”, como apresenta Mauss a partir da ideia de um primeiro presente, mas que, entre os Kaingang, esse início de reciprocidade se apresenta com o estabelecimento de parcerias “assimétricas, emergentes de uma totalidade preexistente”, de um modelo “baseado na instituição da complementaridade entre parceiros assimétricos a partir de uma ordem zero de

<sup>44</sup> *Idem*.

<sup>45</sup> *Ibidem*.

<sup>46</sup> CRÉPEAU, Robert R. “Os *kamé* vão sempre primeiro” *dualismo social e reciprocidade entre os Kaingang*, 2006, p.14. *Op.Cit.*p.11

<sup>47</sup> *Idem*, p.16.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 19-20.

sociabilidade que é sempre (e que nunca deixa de ser) a totalidade social: o princípio *kamé*<sup>49</sup>.

Essas abordagens sobre a reciprocidade podem se aproximar das proposições de Lash<sup>50</sup>, sobre a reflexividade moderna relacionando as comunidades pré-modernas com as comunidades pós-modernas, ou seja, em sua principal proposta, a reflexividade hermenêutica, a partir da comunidade reflexiva que ele aproxima ao conceito de campo de Pierre Bourdieu, de que “a comunidade é, antes tudo, uma questão de ‘significações compartilhadas’”, e não, de “interesses compartilhados”. Esta significação não seria criar significados em comunidade, mas “procurar pela significação que já existe”. Visualizamos este sentido permanente de significação na comunidade indígena, no sentido de ritualização e *habitus*, que muitas vezes podem estar tanto consciente como inconscientemente, promovendo a continuidade da cultura entre os Kaingang de Palmas (PR). Como expressa a presença do professor Claudécir neste artigo.

### **A partilha de conhecimentos e a reciprocidade na pesquisa científica**

Acreditamos que as interações da pesquisa em colaboração com os povos indígenas possibilitam a absorção dos sujeitos entre essas culturas – mas há formas de aceitarmos, compreendermos e criarmos situações nas quais ambos possam estar em consonância, em equilíbrio – conforme aponta Crépeau, em relação à organização social dos Kaingang. Vicini, em convívio com os indígenas, diz não perceber essa distinção entre as metades Kamé e Kairu. Isso porque, segundo Crépeau,<sup>51</sup> o sistema de metades não é mais central na vida cotidiana e de fato aparece de forma explícita no contexto do ritual do Kiki e nas escolas através dos ensinamentos dos professores Kaingang e nas grafias, como a pesquisadora

---

<sup>49</sup> Conforme nos esclarece Crépeau, em nossa troca de e-mails (fevereiro, 2021): O que é importante aqui é "a totalidade social" e não "a metade kamé". Porque o dualismo é um sistema social que é baseado no fato de que toda sociedade é constituída de divisões entre famílias, facções, etc. e que se trata de instituir a complementaridade e a cooperação entre parceiros dos diferentes grupos patrilineares. Para serem complementares têm que ser diferentes; sem diferenças não há uma verdadeira parceria porque como falam os *Kofá* e como escreve a antropóloga Kaingang Adriana Biazzi da TI Xapecó: "Quem pertencia à mesma metade se consideravam como irmãos, por isso, esta proibição. Casando-se com a marca oposta, o equilíbrio cósmico das marcas se mantém. Dizem os *kófa* que casar-se com alguém pertencente à mesma marca o casamento não dava certo, pois as características e a personalidade eram iguais e assim não se completavam, não se entendiam/compreendiam entre eles". O antropólogo reflete ainda, que para entender o argumento de forma completa, é necessário um conhecimento da análise das narrativas que revela que nos tempos primordiais o princípio kamé era dual. Por exemplo, no passado existiam dois sois (associados a kamé) antes que um sol enfraquecido se tornasse lua (associada a kairu). (Artigo publicado em 2022). BIAZZI, Adriana Aparecida Belino Padilha. *Espiritualidade e conhecimento da mata na formação dos especialistas de curas Kaingang da Terra Indígena Xapecó/SC*. Tese de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. 2017.

<sup>50</sup> LASH, Scott. *A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade*. In GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Tradução Magda Lopes. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.p. 247-250.

<sup>51</sup> Esclarece Robert Crépeau, mensagem enviada por Messenger, 2022.

constatou. Tanto na escola como no projeto, percebe que há uma unidade étnica, como apresenta Crépeau, e como o Prof. Claudécir comenta no texto de sua entrevista. Porém, segundo Vicini<sup>52</sup>, estão pintados do chão até metade das paredes externas da Escola Segsó Tánh Sá os grafismos Kamé – venhiky e Kairú – votôro.

Após receber o apoio e a parceria do Professor Claudécir, dos professores da Escola Segsó Tánh Sá (inclusive os professores não-indígenas), bem como da Liderança Kaingang, Vicini<sup>53</sup> marcou o primeiro encontro<sup>54</sup> com os estudantes que estariam dispostos a conhecer o projeto (Figuras 2 e 3).



Figura 2 – Primeira reunião com os estudantes na Escola Segsó Tánh Sá. Fonte: Arquivo próprio.



<sup>52</sup> VICINI, Magda. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*, 2019.

<sup>53</sup> Idem. 2019.

<sup>54</sup> Encontro realizado às 14 horas do dia 23 de abril de 2019, na Escola Segsó Tánh Sá, Palmas, Paraná.

Figura 3 – No primeiro encontro, éramos em 12 integrantes, e aos poucos o grupo foi permanecendo com 6 integrantes até o final do ano de 2019. Fonte: Arquivo próprio.

Durante a reunião, enquanto a pesquisadora<sup>55</sup> explicava sobre o projeto, estavam muito atentos, e consentiam quando sobre a pesquisa como um trabalho participativo e que desenvolveriam caminhos sempre questionando a opinião e as sugestões da comunidade, fundamentando, assim, a metodologia de produção partilhada de conhecimento.<sup>56</sup> A pesquisadora também destaca que o fato de ter deixado claro a liberdade de escolha para participarem quando quisessem do projeto, como também a liberdade de desistir a qualquer momento, deixou-os mais tranquilos. Ainda em seu relato, a pesquisadora aponta que, no decorrer do tempo em que estavam trabalhando juntos, não havia a necessidade de reiterar a importância da presença deles para obterem um resultado na produção do projeto; e no decorrer do trabalho de partilha, ao longo dos meses, ressalta que eles mantiveram sua palavra pelo fato de terem gostado dos encontros do projeto de pesquisa.

Para iniciar o convívio com os Kaingang, Vicini utiliza a visão de Bairon, Battistella e Lazaneo, apresentando os “Fundamentos da produção partilhada do conhecimento” que evidencia a necessidade de um “habitar de diálogos”, na conexão entre saberes plurais<sup>57</sup>. Igualmente aprendemos que na percepção indígena, tanto para Vicini<sup>58</sup> quanto para o líder Kaingang Claudécir Viri, há um reconhecimento de mundos, que o líder e pesquisador indígena Ailton Krenak define e questiona: “Como reconhecer um lugar de contato entre esses mundos, que têm tanta origem comum, mas que se descolaram a ponto de termos hoje, num extremo, gente que precisa viver de um rio e, no outro, gente que consome rios como recurso?”<sup>59</sup>. Em nossa percepção, o projeto, como produção partilhada do conhecimento, pode unir pessoas diferentes que vivem em um mesmo mundo, e podem buscar perspectivas para melhorar este mundo comum. E, em uma palestra para o Núcleo Diversitas (USP), na disciplina “Pensamento Ameríndio”<sup>60</sup>, Krenak propõe que o pensamento originário tem uma potência que está em vários lugares do mundo “e com reciprocidade entre culturas, possamos construir muitos mundos, mundos plurais”.

<sup>55</sup> VICINI, Magda. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*, 2019.

<sup>56</sup> É uma característica Kaingang, ouvir toda a proposta de alguém que esteja falando, para posteriormente, e, com o tempo de convívio, aceitar e opinar sobre o assunto, no caso, a proposta da pesquisadora Vicini.

<sup>57</sup> BAIRON, Sergio; BATTISTELA, Roberta Naavs; LAZANEO, Caio. *Fundamentos da Produção Partilhada do Conhecimento e o saber do Mestre Griô*, s/d. Disponível em: <file:///D:/Users/User/Downloads/113894-206494-1-SM.pdf>. Acesso em 3/7/2017. P.255.

<sup>58</sup> VICINI, Magda. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*, 2019.

<sup>59</sup> KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. P.51.

<sup>60</sup> BAIRON, Sergio; LIBRANDI, Marília; CARVALHO, Aivone. *Disciplina Pensamento Ameríndio*, palestra com Ailton Krenak. Canal CEDIPP – Diversitas. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/cedipp>. Acesso em: 15/10/2020.

A abertura ao diálogo também é um processo de aprendizado entre os sujeitos da pesquisa, pois para os indígenas sua voz sempre foi a última a ser considerada. A voz dos pesquisadores, dos professores, representou a voz decisiva, nem sempre aberta ao diálogo, historicamente falando. Nesse sentido, Vicini<sup>61</sup> acredita estar vivenciando os conceitos da produção partilhada do conhecimento e os conceitos do pós-humanismo e, portanto, sentindo, experimentando na própria pele, que o posicionamento dominante do pesquisador branco, europeu, como citam Braidotti<sup>62</sup> e Ferrando<sup>63</sup> ou do sujeito que possui exclusivamente o saber científico, citado por Bairon e Lazaneo<sup>64</sup>, está profundamente enraizado na percepção do nativo indígena<sup>65</sup>.

Ao contrário, acho que a história da minha disciplina é a história do encontro colaborativo entre pesquisadores e os seus mestres indígenas. O diálogo não foi sempre verdadeiro porque os preconceitos dos não-indígenas tomaram conta da tradução de que estavam falando de forma explícita os indígenas, ou seja, que temos que entender e respeitar as leis deles e atuar como parceiros e não como invasores e colonizadores.<sup>66</sup>

Outro aspecto fundamental para que aconteça uma partilha de conhecimentos é a maneira pela qual o pesquisador se revela para os sujeitos que com ele desenvolvem a pesquisa. Pessoas que nunca haviam estado juntos antes começam um convívio semanal. O pesquisador assume seus hábitos diferentes, sua maneira de agir diferentes – e o grupo de partilha a ser formado para a pesquisa pode discutir sobre isso durante todo o projeto, sendo que estas diferenças podem promover dúvidas tanto para os indígenas, quanto para o pesquisador. Vicini<sup>67</sup> acrescenta que pode haver uma forma de pactuar, criar acordos sobre uma ajuda mútua para resolver sempre qualquer dúvida, e também resolver sempre juntos sobre fotografias, vídeos e textos que o pesquisador venha a apresentar em eventos, ou textos que este venha a publicar.

<sup>61</sup> VICINI, Magda. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*, 2020.

<sup>62</sup> BRAIDOTTI, Rosi. *The Posthuman*. Polity Press: Cambridge, EUA. Edição do Kindle, 2013, p.37.

<sup>63</sup> FERRANDO, Francesca. *Il postumanesimo filosofico e le sue alterità*. Pisa (Itália): Edizioni ETS, 2016. Essas autoras complementam a proposta de produção partilhada do conhecimento no sentido pós-humano. Principalmente o conceito de inclusivismo situado de Ferrando: “[...] que significa a prática pós-humana da constante reformulação simbólica que se propõe não resolver no coletivo a perspectiva individual, mas que a reconheça em um pluralismo situado e não disciplinável. O risco dessa prática seria uma universalização acrítica e exclusiva, que impossibilitaria este conceito”. FERRANDO, Francesca. Revista “L’Evidenziatore”. *Postumanesimo, Alterità e Differenze*. Dall’11 al 14 Settembre 2013 si terrà la 5ª Conferenza Internazionale del Postumanesimo presso l’Università di Roma Tre, dal titolo: “The Posthuman: Differences, Embodiments, Performativity”. Call For Papers: TBA. p.10-11.

<sup>64</sup> BAIRON, Sergio. *Experiência Estética e Produção Partilhada do Conhecimento*. Vídeo do Centro de (Centro de Comunicação Digital e Pesquisa Partilhada – CEDIPP-FFLCH – ECA/USP, em 18/05/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pdfn4INYPngE>. Acesso em março/2020. LAZANEO, Caio. *Produção partilhada e reticularidade fílmica*. Tese de Doutorado – *Diversitas* – USP, 2017.

<sup>65</sup> VICINI, Magda. Artigo publicado no livro “Cognição, Linguagem e Realidade. Coleção Filosofia da Mente e Ciência Cognitivas”. *Produção Partilhada do Conhecimento e sua relação com o Pós-humanismo na pesquisa científica em Terra Kaingang*. Volume 1. Editora CRV, Curitiba, PR, 2020.

<sup>66</sup> Esclarecimento de Crépeau, em troca de e-mails (fevereiro, 2021).

<sup>67</sup> VICINI, Magda. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*, 2021.

Esse habitar cotidiano entre os sujeitos da pesquisa, como grupo e como indivíduos, nos leva a considerar a definição de comunidade reflexiva do sociólogo Scott Lash<sup>68</sup>, a qual não significa a desestruturação do individual, assim como percebemos na leitura de Crépeau e Vicini, tanto na prática da pesquisa, quanto no convívio entre pesquisadores e comunidade Kaingang. O sociólogo se preocupa com uma possível visão positivista, a qual “deixa espaço” para o ser individual. Para Lash, “o que é necessário é uma noção de envolvimento nas práticas comunais a partir das quais o ser individual se desenvolve”<sup>69</sup>. No mesmo sentido, Lash ressalta a importância do que Seyla Benhabib denomina de “cuidado”, lembrando as aproximações conceituais ao cuidado em Heidegger a partir de “dasein”, “sorge” e “self” na obra “Ser e Tempo”, finalizando sua reflexão: “Mas, para Heidegger, o *Sorge* e o autêntico *self*, ligados a esta individuação desconhecida e radical, devem primeiro estar envolvidos e cuidar das coisas e dos outros seres humanos nas práticas comunais cotidianas”<sup>70</sup>.

A partilha, o estar junto comunitariamente e individualmente com os estudantes Kaingang, iniciam-se desde os primeiros encontros sobre o tema que envolve a pesquisa, porque se eles participam, interagem, significa que esses participantes querem e gostam de estar presentes nos encontros. Vicini<sup>71</sup>, já no segundo e terceiro encontro, pergunta aos estudantes o que eles mais gostariam de mostrar em desenhos e pinturas que eles poderiam expressar, e eles responderam-lhe: as famílias, as matas, os anciãos, mulheres vestidas de indígenas e de não indígenas para mostrar que absorveram outra cultura; e os pajés ressaltaram que antigamente eram escolhidos somente homens e agora as mulheres também assumiam esse papel entre os Kaingang.

Após estes encontros iniciais, surgem diversas questões nas reflexões de um pesquisador: nesta pesquisa de Vicini na Terra Indígena Kaingang, qual seria, então, a dádiva que ela estaria oferecendo a eles, como trocas de experiências? Isso porque sentia-se estar aprendendo com o grupo de professores e estudantes da comunidade Kaingang, a importância da parceria<sup>72</sup>. Essa parceria surge, nos momentos de diálogo com o professor Claudécir e professores da Escola Segsó, desde o ano de 2018. Como o próprio líder Claudécir<sup>73</sup> comenta na citação que expomos anteriormente neste artigo, para eles, os documentos são memoriais, não há a tradição da escrita, do documento material, por isso a

---

<sup>68</sup> LASH, Scott. *A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade*. In GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*, 2012.

<sup>69</sup> *Idem*, p. 251.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 253.

<sup>71</sup> VICINI, Magda. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*, 2019.

<sup>72</sup> Crépeau, 2006 e 2022; BIAZI, 2017. *Op. Cit.*, rodapé, p.13.

<sup>73</sup> VICINI, Magda. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*, 2018.

atual preocupação em formar os jovens Kaingang nas universidades para que possam produzir essas memórias em documentos materiais. Em cada diálogo realizado com a comunidade escolar, a pesquisadora<sup>74</sup> entende que a responsabilidade ao realizar a pesquisa se tornou cada vez mais clara e potente, no sentido de que era preciso vivenciar a produção partilhada do conhecimento como uma possível metodologia transformadora, que ouvisse a realidade vivida nesta terra indígena Kaingang. Como nos apresenta Bairon,

A produção partilhada do conhecimento propõe a não hierarquia (portanto, uma heterarquia) entre a cultura oral e a tradição escrita; e entre o conhecimento teórico-conceitual e a experiência estética. Não se trata de perguntar qual comunidade você vai pesquisar, mas quais serão os seus parceiros de pesquisa. Não se trata de valorizar o olhar subjetivo do pesquisador, mas de construir uma cosmovisão que expresse a interação do pesquisador com seus parceiros. Da Universidade com a Comunidade!<sup>75</sup>

Para iniciar essa parceria, Vicini leva aos professores Kaingang reproduções de pesquisas realizadas sobre e com esta etnia do Sul do Brasil em artigos e livros enviados pelo professor Crépeau. Cada imagem refletida nas pesquisas, que os professores viam, assim como os textos apresentados por Vicini<sup>76</sup>, era sorridentemente identificada pelos professores Kaingang, com alegria de se verem nessas pesquisas (fotos de parentes conhecidos e líderes indígenas). A pesquisadora<sup>77</sup> também se colocou à disposição para auxiliá-los quando necessário, bem como a instituição IFPR (Instituto Federal do Paraná) – Campus Palmas, a partir de sua direção geral, conforme diálogos que manteve sobre a pesquisa com os diretores desse instituto. E, assim, foram parceiros durante o ano de 2018 a 2022 de “uma maneira mais prática (mas jamais definidas como suficientes, pois continuamos com essa parceria) com trocas culturais, materiais e de apoio que também ocorreram durante a pandemia da Covid-19”<sup>78</sup>.

Exclusivamente para os estudantes participantes da pesquisa, Vicini<sup>79</sup> salientou a eles que estariam dedicando o tempo deles para estar participando do projeto, e que poderiam falar aos seus pais e familiares que ela estaria levando lanche nos dias de encontros e, ainda, iria retribuí-los tanto com a troca de conhecimentos entre nossas culturas, declarações institucionais sobre a participação no projeto, como com alguns presentes que fizessem parte do universo de estudos e da juventude deles (a pesquisadora também recebeu peças de artesanato de presente dos estudantes). Esses acordos

---

<sup>74</sup> *Idem.*

<sup>75</sup> Citação escrita pelo professor Sérgio Bairon no vídeo de apresentação da Terra Indígena Kaingang, produzido por Magda Vicini e Sérgio Bairon, 2019.

<sup>76</sup> VICINI, Magda. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*, 2018.

<sup>77</sup> *Idem.*

<sup>78</sup> *Ibidem*, 2020.

<sup>79</sup> VICINI, Magda. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*. 2018.

promoveram o início do que Crépeau denomina “parceria” entre os sujeitos do processo da pesquisa.

Ao buscar essa parceria entre os Kaingang, Vicini está construindo uma relação na qual, como apresentou Mauss<sup>80</sup>, há nesse cenário troca de almas, espíritos que se doam, mas que estão dentro de pessoas, animais ou objetos que se doam. E a troca, a substituição dessa doação, precisa ser retribuída para aquele que ofereceu a dádiva, ou devolvida, de alguma forma.

Outro aspecto importante que Vicini percebe nesse convívio com os estudantes, bem como com os adultos, é que as relações Kaingang são individuais, não sofrem interferências do outro: de amigos para amigos, de família para família, de vizinho para vizinho. Nesse sentido, a interpretação de Martins, citada anteriormente neste artigo, parece-nos adequada no sentido de que o “dar-receber-retribuir” não sobrepuja a liberdade individual dos Kaingang. Como apontamos anteriormente, na percepção do sociólogo Lesch, viver em comunidade reflexiva, é viver o comum e o individual. Vicini<sup>81</sup> cita, por exemplo, quando um dos estudantes não finaliza seu desenho, ou pintura, não há reclamações ou comentários sobre essa atitude. Assim é. Cada um é responsável pelo seu trabalho. O trabalho continuava e, no decorrer da pintura, eles somente assumem a finalização desse desenho ou pintura não finalizado por outro colega, porque a pesquisadora sempre lembrava que é um trabalho de grupo, e seria melhor terminá-lo até determinado prazo. Aí entra a obrigação ocidental e o compromisso da Academia, mas que visualizamos como conhecimento científico e sistematizador, como o professor Claudécir argumenta em seu texto nas próximas páginas deste artigo.

Em outubro, novembro e dezembro de 2019, os estudantes realizaram um primeiro mural experimental. Nesse primeiro mural realizado na Aldeia, por vezes Vicini acreditava que não conseguiriam finalizar. Nossa forma sistematizada e de busca de resultados imediatos não foi a responsável pelo sucesso da execução e finalização desse mural. Como aprendiz de partilha e como pesquisadora, ela foi aprendendo a estar no lugar partilhando, pensando juntos e resolvendo juntos. E é esta a forma pela qual a cultura indígena se manifesta em sua plenitude: com calma, sem muito falar, e, sim, pensar e realizar. Mas, para que essa forma se constituísse de fato, Vicini<sup>82</sup> não omitiu sua angústia sistematizadora diante deles; contrariamente, ela expressou essa preocupação a eles, que, com um sorriso, diziam, “eu sei professora que a senhora é assim”. Ao mesmo tempo em que a responsabilidade em relação ao projeto era percebida por eles, aceitavam os desafios

---

<sup>80</sup> MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. 2003, p. 25-26. Op. Cit. p.2.

<sup>81</sup> VICINI, Magda. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*, 2019.

<sup>82</sup> Idem.

que eram apresentados em relação à elaboração da pintura mural, realizando todas as etapas, desde os desenhos, esboços, até a finalização que deveria ser em dezembro de 2019. Mas essa execução da pintura, no tempo em que havia sido prevista, não ocorreu de maneira estressada. Ela aconteceu (Figuras 4,5 e 6.).



Figura 4 - Pintura mural realizada na antiga creche, na parte central da Aldeia Kaingang – Palmas Paraná – 2019. Fonte: Arquivo próprio.



Figura 5 - Self dos estudantes e pesquisadora: Jeferson, Magda, Bruna, Guido, Luana, Eridiane e Rânea (naquele dia a Vanessa não pôde ir, pois foi vender artesanato com a família em Clevelândia). Data: 19/12/2019. Fonte: Arquivo próprio.



Figura 6 – Fotografia do Mural “Nossa Aldeia” assinada pelos estudantes. Fonte: Arquivo próprio.

### **A relação de parceria e troca durante a pesquisa a partir da visão Kaingang**

A partir desta página apresentamos a percepção do Prof. Claudecir Viri sobre reciprocidade durante o tempo que Vicini esteve realizando a pesquisa na TI Kaingang.<sup>83</sup> A primeira pergunta realizada a Claudecir está relacionada à possível relação de diferenciação entre os Kamé e Kairú, se há essa diferenciação e ao mesmo tempo harmonia entre os Kaingang, como nos aponta Crépeau<sup>84</sup>.

Primeiramente a gente queria agradecer pelo convite para a gente contribuir, levar para a professora um pouco do que a gente vem conhecendo através de estarmos sempre dialogando com os mais velhos da comunidade. E é com muito respeito a eles também que a gente traz esse conhecimento deles, para fortalecer junto, hoje, com a nossa juventude, partes da nossa cultura e até mesmo para conhecimento deles, para saberem que nós temos uma história. E essa nossa, ela é muito ampla. A qual está estruturada entre pontos que estruturam a cultura geral. Por exemplo, a questão do artesanato, das danças, enfim, rituais, as metades de grupos diferentes, apesar de sermos Kaingang. Ervas medicinais, enfim, o conhecimento do nosso *kujá*<sup>85</sup>, a história em si, enfim, tudo isso, a gente está trazendo para nós darmos sequência no respeito à nossa cultura. Quanto à questão das metades, que são grupos diferentes entre nós, há um respeito muito grande pelas metades. Por exemplo, aqui, na Terra Indígena de Palmas, nós temos mais o grupo dos Kamé, do que os Kairú. [...] Também tem o grupo dos Péj, que também é outro grupo entre nós, os Kaingang. Cada grupo tem suas regras, umas normas que eles seguem para a vida de cada um desses que estão incluídos no grupo. Há um respeito entre esses grupos desde a questão das aproximações. Precisamos ter todos esses cuidados. Há as divisões entre as metades, mas nós somos um povo só, de uma etnia chamada Kaingang. Então, por exemplo, Kamé tem suas

<sup>83</sup> Entrevista em 04/02/2021, às dez horas da manhã, pelo Google Meet.

<sup>84</sup> CRÉPEAU, Robert R. “Os kamé vão sempre primeiro” *dualismo social e reciprocidade entre os Kaingang*, 2006. *Op.Cit.*p.11.

<sup>85</sup> Kujá – Curandeiro e guia espiritual Kaingang.

normas a seguir; Kairu tem as formas também de organizar a questão da cultura, diferente uma das outras, mas que não deixa de ser um povo só. Até mesmo para construção de família, dos parentes. Como reconhecimento desses que estão vindo hoje: crianças, adolescentes, jovens... para que eles também possam ter esse conhecimento: ah, eu faço parte desse grupo, faço parte desse outro grupo... então eu tenho que respeitar esse grupo. Na comunidade, a gente ainda prevalece o fortalecimento dessas marcas tribais, ou seja, marcas dos nossos grupos. Estamos ainda levando em consideração. Eu, enquanto professor indígena da língua Kaingang, não me canso e estou sempre lutando, batalhando, para que a nossa cultura não venha a sofrer perdas totais. Está certo que algumas (das práticas culturais) a gente não tem como trazer de volta, mas, o conhecimento para hoje, nessa juventude que nós temos hoje, que eles venham também a ter conhecimento e não esquecerem das nossas raízes. Então, na verdade, essas marcas tribais, elas são grupos que têm culturas diferentes, pensamento diferente, têm organizações diferentes dentro da comunidade, mas que não deixam de pertencer a um grupo só que é a etnia Kaingang.<sup>86</sup>

Na segunda pergunta, questionamos o Prof. Claudécir sobre como ele percebe o relacionamento entre os parentes e as pessoas que vêm de fora, os brancos, pois os idosos estavam cansados de passar o conhecimento, e talvez não tivesse um retorno para a comunidade. Está havendo uma troca entre Vicini e a Comunidade Kaingang?

A professora Magda, a gente nunca faz uma coisa por nossa própria conta. A gente já conversou, você já teve esse conhecimento, que para iniciar este projeto, teve também uma certa orientação dos mais velhos, para que a gente pudesse conversar, dar início a essa etapa do projeto. Eles também estão contribuindo, a gente está fazendo essa ponte, mas com muito cuidado e com respeito a eles. Hoje, através dos estudos que a gente também buscou, a gente também tem outra forma de chegar até os nossos mais velhos, para conversar com eles. [...] Então, hoje, nesse tempo de hoje, ela está sendo um pouco mais fácil de trabalhar com eles, porque não está sendo intermediada pelo professor não índio. Está tendo também um professor indígena e o *kujá*, para depois chegar os registros para os professores não indígenas. Então, é essa a forma que eu achei para que nós pudéssemos também elevar o conhecimento de outros grupos, ou seja, da sociedade, o que nós pensamos de nós, o que nós queremos futuramente, para que nós tenhamos mais oportunidades, espaço na sociedade. Para a gente receber mais consideração e respeito. É o retorno de todo esse trabalho, é isso que a professora Magda vem demonstrando para nós, levando muito respeito, muito carinho para a sociedade, esse conhecimento que estava engavetado na memória dos nossos mais velhos. Porque a gente não quer viver durante anos e anos isolados. Só que a gente tem que ter muito cuidado com isso. No mundo que a gente tem hoje, há muito desrespeito, exclusão, exploração, mas por isso que a gente tem tanto cuidado com quem e para quem a gente está fazendo o trabalho voltado à nossa cultura. Primeiro, há uma observação, é analisado através do pensamento do *kujá*, se essa pessoa está com intenção boa também para este povo. Talvez você não teve diretamente uma fala com alguns mais velhos, mas que através da gente e através deles, através da natureza, através dos espíritos, que eles buscam, eles sabem com quem nós estamos fazendo o trabalho.[...]. Professora, eu acho muito rico, riquíssimo entre nós, por isso que você está sendo privilegiada com isso, e por esse bom entendimento, por esse respeito que você vem tendo até hoje. Porque no

<sup>86</sup> VIRI, Claudécir. Entrevista realizada em 04/02/2021.

início a gente teve com você algumas dificuldades, para iniciar de vez os trabalhos juntos. É porque a gente estava aguardando uma resposta dos mais velhos da comunidade. Do *kujá*, dos rezadores, para então dar o encaminhamento. E o retorno que a professora está demonstrando para nós é o respeito, é a consideração, é levar para a sociedade a nossa cultura que ela tem que ser cada vez mais respeitada e considerada pela sociedade. Bens materiais, tudo isso, são coisas que não têm nada ver com a cultura. A espiritualidade da nossa cultura, através dessa nossa intermediação e da professora Magda para a sociedade, enriquece a cultura e fortalece, dá muita força para a busca dos nossos indígenas mais velhos, quando eles tratam de cuidar da comunidade, cuidar do povo, cuidar de nós. [...]. O objetivo, isso, então, é tirar a gente dessa... de que nós estamos isolados com a cultura. Mas nunca deixar de sermos isso que nós somos hoje.<sup>87</sup>

Vicini analisa e comenta com Prof. Claudécir que ela percebe o respeito que os estudantes agem diante de um planejamento e compromisso assumido. Perguntamos então ao professor Claudécir qual seria sua observação sobre a relação dos estudantes com a pesquisa.

É assim, professora Magda. Eu tenho falado com os demais professores. Quando nós indígenas... porque de início nós somos muito observadores. Isso você já percebeu em nós. Não é de início que a gente já vai falar, falar, falar. A gente fica atento com o que está sendo passado para nós. A gente observa, vai devagar, para então começar a sentir que a gente está bem com aquele profissional, seja ele professor ou não, que está vindo de fora para dentro. E nós, Kaingang, somos assim: a gente pega uma confiança que a gente não sabe se pode ser prejudicado, ou se vamos nos dar bem com isso. Mas, nós, quando pegamos confiança com um profissional não indígena, é porque esse profissional soube acolher. Ele soube aproximar nós e a nossa história junto com a dele. E foi isso que percebi também nos alunos. Quando começamos a ver que eles estavam mais livres, mais tranquilos, te perguntando, estavam conversando com você. Vinham perguntavam para mim. Para os alunos é muito importante isso. Porque nós adultos temos ainda uma dificuldade com isso. Ou seja, para estruturarmos mais nosso conhecimento com o conhecimento universal. Eles, adolescentes e jovens, se eles começarem jovens a trazer isso para a estrutura de conhecimento cultural deles, o conhecimento universal, isso faz com que eles se tornem mais puros, fortes, porque eles também estão tendo conhecimento da sociedade envolvente. E nossos jovens precisam ter esse conhecimento.[...]. E os nossos jovens precisam estar mais atentos com isso. Por que eles devem estar atentos com isso? E a professora também começou a trazer para eles a questão da dedicação, do compromisso, da seriedade, do pensamento firme, pensamento positivo. Então, isso, em minha visão, isso está sendo o retorno. Retorno de conhecimento que eles estão adquirindo. Porque nós não queremos ficar somente com o nosso conhecimento. Por isso a gente tem o lema da nossa educação escolar indígena: “um pé na aldeia, outro no mundo”. Então nós queremos levar para a sociedade a nossa cultura, mas que eles também tragam a cultura deles. [...] Então, é isso que eu vejo nos nossos alunos. Para eles terem uma visão de que ser índio não quer dizer que ele tenha que só ter esse modo de viver aqui, mas que ele pode se colocar em qualquer ambiente. Senão, de repente, nós nunca vamos sair de onde nós estamos. Então, professora Magda, o que a senhora está fazendo está sendo muito importante porque está abrindo a mente da juventude para uma coisa boa para eles, e isso que eu começo a

---

<sup>87</sup> *Idem.*

estar pensando nisso... E sinto que tem que fortalecer ainda mais a continuidade desse trabalho. Acho muito importante essa troca de experiência, de conhecimento entre a professora e a gente, entre a professora e os alunos. Essa troca de conhecimento que a professora trouxe para eles, mas um aprendizado que também aprendeu com eles. É essa troca que nós precisamos levar adiante para nós mostrarmos para os nossos filhos, nossos netos. No mundo em que vivemos nós temos que “estar claro”, também ter conhecimento. Contextualizar o conhecimento para a gente poder estar incluído na sociedade.<sup>88</sup>

Esta fala do Prof. Claudécir Viri é um aspecto observado pela pesquisa de Crépeau, apresentada em seu artigo *Les défis du pluralisme religieux pour la pratique du chamanisme chez les Kaingang du Brésil meridional*<sup>89</sup> : “Trabalhos recentes têm mostrado que os Kaingang contemporâneos se definem ativamente em relação à sociedade nacional brasileira e que buscam manter um frágil equilíbrio entre sua identidade ameríndia e um desejo real de participar da dinâmica regional e nacional”.

Ainda na entrevista, Vicini comenta com o professor Claudécir, que está havendo um olhar mais atento entre a Terra Indígena Kaingang e a instituição IFPR, a partir desta pesquisa. A proposta da pesquisa se fundamenta em trocas de experiências, mas também há trocas materiais no sentido de nos apoiarmos institucionalmente.

É, isso faz parte, para que a gente possa colocar em prática também. Sim, é o que a gente estava comentando, professora: de início, a professora, através de sua pesquisa, de seu trabalho, ela vai, por exemplo, querendo ou não, vai abrir caminho. Depois de tudo isso, há uma outra forma de estarmos incluídos na sociedade. Para nós estarmos incluídos nesta sociedade, de que forma? Nós estarmos aqui com o conhecimento da cultura, nós temos alguns livros, com certas universidades vão ter esse conhecimento, mas o mais importante também, junto com as pesquisas, os livros, com alguns registros do povo Kaingang e principalmente desta comunidade é quando se leva para a sociedade algumas práticas feitas por nós mesmos, através de apresentações, e eu luto por isso, é muito mais importante. Os alunos vão ter mais vontade de nunca deixar para trás as suas raízes.<sup>90</sup>

Na parte final de nossa entrevista, professor Claudécir fala sobre a maneira pela qual a comunidade recebeu e percebeu a pintura do mural que os estudantes fizeram, que fica na parte central da Aldeia.

Sim. Eles ficaram assim, bem impressionados. Por exemplo, a gente percebeu neles, que era uma coisa que eles nunca tinham visto, e uma coisa que a gente nunca viu, você fica: puxa, como que pode? Onde está esse dom? E, através de uma professora que veio de fora para dentro, foi descoberto esse dom, esses talentos e que ficou aqui marcado para nós. Ficou marcado. A gente percebeu, dos membros da comunidade que

---

<sup>88</sup> *Ibidem*.

<sup>89</sup> CRÉPEAU, Robert R. *Discourses on the Advent of New Times among the Kaingang of Southern Brazil in Contemporary Indigenous Cosmologies and Pragmatics*. Ed. Françoise Dussart and Sylvie Poirier): The University of Alberta Press, 2022.

<sup>90</sup> VIRI, Claudécir, 2021.

passam e olham, eles ficam admirados, em ver em forma de pintura, aqui, o local onde nós estamos vivendo no dia a dia. Para os alunos, então... isso eles estão levando adiante, é o que eles mais querem. Outro dia, eles falando comigo, se não haveria uma possibilidade de a professora vir, mesmo nessa crise (pandemia). Aí eu falei que nós temos que respeitar os protocolos que nós seguimos. Mas eles querem mesmo levar adiante, e incluir porque outros querem participar. Membros da comunidade, adultos. Então nós temos que pensar que isso é muito valioso para nós. Valioso porque quanto mais a gente for registrando os nossos... arte, cultura, o nosso modo de viver, mais consideração a gente vai ter. Porque no geral, os povos indígenas, nós temos registros memoriais, como os registros nos livros, ou seja, escrita. Mas que esses registros memoriais, se parte deles for trazido para registros de escritas, pinturas, cantos, gestos, enfim...é isso que vai fazer com que nossos jovens também venham a dar continuidade depois, um dia.<sup>91</sup>

## Considerações Finais

Como apresentamos neste artigo, a maneira pela qual principiamos o diálogo com os indígenas Kaingang difere-se da pesquisa científica que rotineiramente se estabelecia entre pesquisadores e “objetos” étnicos de pesquisa. Somos todos sujeitos de pesquisa sendo que a parceria, como ressalta Crépeau neste artigo, no final do ritual *Kiki*, acontece uma unidade das metades, “em vez de dual ou plural”<sup>92</sup>. Somos todos diferentes durante uma pesquisa, buscando unidade em resultados, da mesma forma que Viri aponta sobre as metades Kaingang.

A reciprocidade indígena que há muitos anos Mauss<sup>93</sup> sabiamente percebe, porém, a própria Academia para a qual o pesquisador leva esses conhecimentos, talvez não ofereça, poderiam fortalecer cada cultura indígena já pesquisada ao redor do mundo. Silenciosamente, como aponta Prof. Claudécir Viri, os indígenas se calam, em cada pesquisa realizada em suas terras e comunidades, porque, se eles se negarem, a sociedade branca poderá ainda mais retrai-los à marginalidade, mas que atualmente eles tomam muito cuidado com os pesquisadores.

A partir de Martins<sup>94</sup>, estabelecemos a relação entre as trocas que acontecem entre Vicini e a comunidade Kaingang, no sentido de obrigações que podem significar trocas de mercadorias, trocas simbólicas de respeito e favores, trocas de atitudes de respeito, em ações contínuas no convívio. Vicini conduz os encontros com os estudantes Kaingang, e

---

<sup>91</sup> *Idem.*

<sup>92</sup> CRÉPEAU, Robert R. “Os kamé vão sempre primeiro” *dualismo social e reciprocidade entre os Kaingang*, 2006. *Op.Cit.*p.11.

<sup>93</sup> MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. 2003. *Op.Cit.*p.2.

<sup>94</sup> MARTINS, Paulo Henrique. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 73. *A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo*. 2005. *Op.Cit.*p.9.

ensinando-os sobre a arte do mural, eles a ensinam sobre a cultura Kaingang convivendo com ela. O professor Viri, a liderança Kaingang e os professores da Escola Segsó Tánh Sá realizam reuniões e eventos sobre a cultura Kaingang em parceria com a pesquisadora Vicini, desde o ano de 2019.

Durante o ano de 2021 e 2022 as parcerias entre Vicini<sup>95</sup> e a comunidade Kaingang continuaram. Principalmente, nos dias 30 e 31 de agosto de 2021, prof. Claudécir e a Comunidade Escolar convidaram a pesquisadora para realizar filmagens durante a Semana Cultural quando organizaram o ritual de nomeação das metades *Kamé* e *Kairu*, que há mais de vinte anos não era realizado com os habitantes desta aldeia, entre outras ações conjuntas.

Como se percebe, a reciprocidade e partilha do conhecimento permanece viva entre os sujeitos de pesquisa que se tornaram parceiros de uma cultura, de vidas que prosseguem com objetivos comuns: respeito e apoio às diversidades, ações que afirmam a importância da vida *Kaingang* e sua cultura, oportunidades de compartilhamento de saberes tradicionais e saberes científicos, divulgação conjunta da produção de conhecimento partilhado em artigos e eventos. Trocas que venham a ouvir e a beneficiar a Terra Indígena Kaingang de Palmas (PR).

Recebido em 25 de março de 2023  
Aceito em 30 de outubro de 2023

---

<sup>95</sup>VICINI, Magda. 2018 a 2022. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*. Op.Cit. p.5.